

ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS

**SAUDAÇÃO A
MARIANO COELHO**

José Tavares da Silva

**ANTONIO SOARES
DE ARAUJO**

Mariano Coelho

[SEPARATA DA REVISTA]

NATAL - RN. - 1974

Do "outro" Antonio Soares (meu dileto amigo,
quanto o Primeiro) e à sua Exma Esposa,
— em prioridade de afetuosa homenagem —
o velho
Mariano

Natal, 9 julho 74.

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
**DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO**

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
**DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO**

**Saudação a
Mariano Coelho**

José Tavares da Silva

Antonio Soares de Araujo

Mariano Coelho

NATAL-RN.

SAUDAÇÃO A MARIANO COELHO (*)

José Tavares da Silva

Está acontecendo hoje aquilo que nosso saudoso confrade Des. Antonio Soares de Araújo, honra da magistratura e homem de letras, ocupante da cadeira n. 7, teria desejado: ver o médico e poeta Mariano Coelho nesta egrégia Academia.

Seu amigo e conterrâneo, conhecendo-lhe muito bem os méritos literários, conta-se que certo dia declarara na intimidade ser Mariano um dos maiores poetas do Assu.

Longe estava de imaginar que com seu pranteado passamento, iria abrir-lhe a porta da imortalidade e destarte satisfazer aquele desejo que em vida não foi alcançado.

Mariano Coelho nasceu na cidade do Assu a 9 de maio de 1899. Filho do Sr. Manoel Coelho Ferreira, funcionário federal e de D. Maria Bezerra Varella Coelho, professora pública estadual, em cuja escola fez seu curso primário, sendo o secundario no Colégio Diocesano de Santo Antonio em Natal e no Colégio Diocesano de Santa Luzia em Mossoró. Seus exames parcelados no Ateneu Northeriograndense. Foi telegrafista por concurso, da Repartição dos Telégrafos de 1918 até 1924. Matriculou-se no curso médico da Faculdade da Bahia em 1919. Defendeu tese de doutor em medicina em 19 de dezembro de 1924 e colou grau em 27 do mesmo mês e ano. Estudando e trabalhando, fez um curso médico brilhante, coroado por um doutoramento com distinção.

Em 1925 consorciou-se com a senhorinha Rosita de Souza Coelho pertencente à tradicional família da Bahia. Depois do casamento, veio morar em Currais — Novos, onde

clinicou durante 36 anos. Dado seu feito amável e comunicativo, foi-lhe fácil granjear a simpatia e o acolhimento daquela gente boa e ordeira do sertão. Dentro de pouco tempo, pela solicitude e bondade com que atendia a todos, pobres e ricos, a qualquer hora e dia, que fosse, conseguiu em torno de si um ambiente de respeito e confiança. Levando para a medicina os dons de bondade e de caráter que eram e sempre foram ornamentos de sua personalidade, alcançou logo um grande prestígio na zona do Seridó. A fé e a confiança que inspirava aos seus clientes, fez dele um profissional estimado e admirado por todos os que dele se aproximavam.

Todos sabemos que na medicina a fé sempre foi um elemento de valor na cura dos doentes. Sem fé não pode haver salvação para ninguém. É ela que conforta os desesperados nos dias incertos da vida e na hora angustiada da morte.

Mariano era e é um desses médicos que sabia infundir a fé na alma de seus pacientes; sabia semear a esperança no coração daqueles que sofriam. Embora não fosse católico praticante, tinha uma sólida e inabalável fé em Deus, com Quem sempre contava nos momentos difíceis de sua existência.

Contou-me ele que certo dia indo de Currais-Novos ao Assu em companhia de sua dileta esposa, deu uma virada espetacular de automóvel, da qual saíram ambos ilesos. Imediatamente, prostraram-se de joelhos na estrada e de mãos postas para o céu deram graças a Deus.

Mariano foi sempre um homem de fé e acredita na imortalidade da alma. Aceita e defende a filosofia espiritualista da reencarnação, porque acha que a alma passando, através de muitas existências, alcançará a graça de Deus pela purificação de seus pecados, atingindo deste modo a perfeição. No exercício da Medicina foi ele sempre humano e caridoso. Foi um seguidor fiel das palavras de São Paulo: A caridade sempre fará.

As vezes, os pacientes eram pobres demais e nada lhe podiam pagar, nem o serviço médico, nem os remédios, nem sequer a gasolina para o transporte. Por isso nunca deixavam de ser atendidos. Ele pagava tudo do seu bolso e tudo fazia para que a eles nada faltasse.

clínicou durante 36 anos. Dado seu feito amável e comunicativo, foi-lhe fácil granjear a simpatia e o acolhimento daquela gente boa e ordeira do sertão. Dentro de pouco tempo, pela solicitude e bondade com que atendia a todos, pobres e ricos, a qualquer hora e dia, que fosse, conseguiu em torno de si um ambiente de respeito e confiança. Levando para a medicina os dons de bondade e de caráter que eram e sempre foram ornamentos de sua personalidade, alcançou logo um grande prestígio na zona do Seridó. A fé e a confiança que inspirava aos seus clientes, fez dele um profissional estimado e admirado por todos os que dele se aproximavam.

Todos sabemos que na medicina a fé sempre foi um elemento de valor na cura dos doentes. Sem fé não pode haver salvação para ninguém. É ela que conforta os desesparados nos dias incertos da vida e na hora angustiosa da morte.

Mariano era e é um desses médicos que sabia infundir a fé na alma de seus pacientes; sabia semear a esperança no coração daqueles que sofriam. Embora não fosse católico praticante, tinha uma sólida e inabalável fé em Deus, com Quem sempre contava nos momentos difíceis de sua existência.

Contou-me ele que certo dia indo de Currais-Novos ao Assu em companhia de sua dileta esposa, deu uma vira espetacular de automóvel, da qual saíram ambos ilesos. Imediatamente, prostraram-se de joelhos na estrada e de mãos postas para o céu deram graças a Deus.

Mariano foi sempre um homem de fé e acredita na imortalidade da alma. Aceita e defende a filosofia espiritualista da reencarnação, porque acha que a alma passando, através de muitas existências, alcançará a graça de Deus pela purificação de seus pecados, atingindo deste modo a perfeição. No exercício da Medicina foi ele sempre humano e caridoso. Foi um seguidor fiel das palavras de São Paulo: A caridade sempre farás.

As vezes, os pacientes eram pobres demais e nada lhe podiam pagar, nem o serviço médico, nem os remédios, nem sequer a gasolina para o transporte. Por isso nunca deixavam de ser atendidos. Ele pagava tudo do seu bolso e tudo fazia para que a eles nada faltasse.

Passemos em revista alguns episódios da sua vida de médico: Certa vez foi chamado para atender uma mulher na zona rural que, desde quatro dias, entrara em trabalho de parto. Ao examiná-la naquele ambiente de pobreza, observou que o feto estava morto e o braço dele pendia do lado de fora. Como era bom obstetra, aventurou-se a uma cirurgia que foi bem sucedida, extraíndo o feto, cuja decomposição já se iniciara. Não obstante, voltou para casa triste e acabrunhado por ver que num caso tão grave, poucas esperanças restariam. Dias depois, para sua surpresa, batia-lhe à porta o velho pai que lhe trazia alvissareira noticia de que sua filha estava passando bem.

Ainda há um episódio invulgar na história da vida desse médico de província: Na ansia de salvar uma indigente com grande hemorragia, internada no hospital de Currais-Novos, doou de uma só vez mais de meio litro de sangue, isto é, mais do que podia doar na sua idade. Por essa imprudência abençoada coroada de êxito quase perdeu a vida. Ele sabia que algo lhe podia acontecer: uma anemia cerebral, uma esquemia coronária. Mas que lhe importava correr esse risco, se era preciso salvar uma vida humana? Neste curto relance, temos uma mostra altruista e humanitária desse clínico que, em sua longa vida, fez da Medicina mais um sacerdócio do que uma profissão.

Vale a pena registrar que foi ele quem pela primeira vez no Estado, praticou a secção de nervo aurículo-temporal para cura da fístula salivar do canal excretor da parótida. Dos quatro casos por ele operados em Currais-Novos com sucesso, o primeiro deles foi apresentado em 1943, na Sociedade de Medicina e Cururgia do RGNorte.

Não devemos esquecer que, mesmo antes de haver Hospital, em Currais — Novos, ele atendia e resolvia muitos casos de cirurgia de urgência, como ferimentos abdominais e fraturas que pela sua gravidade só encontravam solução favorável em um Centro Hospitalar adiantado. Entretanto, dotado de uma admirável intuição e assombroso espírito improvisador, conseguia, com os poucos recursos à sua mão, tratá-los com sucesso.

Não obstante clinicar numa cidade do interior, ele acompanhava a evolução da medicina, através de jornais e revistas nacionais e estrangeiras que assinava anualmente.

te. Era um encanto ouvi-lo discorrer sobre problemas médicos que parecia serem somente apanágio dos grandes mestres da Medicina.

Apesar da estima que desfrutava e dos êxitos alcançados na sua clínica, sua felicidade não foi completa — sua amantíssima esposa adoece e depois dum longo sofrimento que desafiou os maiores especialistas do seu tempo, veio a falecer em junho de 1935. Não resistindo à solidão da viuvez, nem àquele deserto que lhe deixara na alma o ente querido que para sempre se foi, resolveu, depois de alguns anos, contrair segundas núpcias com a sua querida prima senhora Maria de Lourdes Varela Coelho, cujos dotes de bondade e compreensão fizeram o milagre de renascer no espírito de Mariano as alegrias dos dias felizes do passado.

Quando se fazia a escolha dos professores para a composição do magistério da Faculdade de Medicina de Natal, o nome de Mariano Coelho foi lembrado pelo Reitor Onofre Lopes e por ele convidado para um dos professores fundadores, e logo aceito por unanimidade, sendo ele o único, dentre os médicos do interior que mereceu essa distinção. Algum tempo depois, deixou Currais—Novos para residir em Natal, a fim de assumir como professor titular, a primeira cadeira de clínica médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio Grande do Norte, onde ensinou até 1966, quando foi aposentado aos 67 anos, por Lei Especial, ora revogada. Exerceu também o cargo de médico do Hospital das Clínicas, até 1969.

Dada a sua cultura médica e o tirocínio clínico, revelou-se na cátedra um professor dos mais eficientes, conquistando o respeito e estima de seus discípulos e colegas. A sua aula inaugural é uma brilhante peça oratória, onde não se sabe mais o que elogiar, se a clareza e o estilo da sua linguagem, ou o saber clínico aprimorado por muitos anos de experiência.

Atendendo aos apelos de amigos, Mariano foi Prefeito Revolucionário em 1930, do município de Currais — Novos. Como bom brasileiro, não devia ficar à margem dos acontecimentos históricos, ligados ao destino de sua Pátria. Homem sem ambição nem vaidade, não visava a outra coisa senão ao bem-estar da sua gente. Embora sem vocação política, foi deputado à Assembléia Legislativa do Estado

em 1936 e 1950. Foi, como Deputado Estadual, um lídimo e honrado representante do povo. Orador primoroso e senhor de uma dialética admirável, honrou o seu mandato, pugnando com fervor democrático, pelas boas causas, e combatendo os erros dos políticos desonestos. Apesar de seu prestígio eleitoral, conseguiu apenas a suplência de deputado federal, por motivos que não merecem lembrados.

Ao lado da imperiosa vocação médica, era um eterno enamorado da poesia. Essa veia poética trouxe-a do berço e a tem conservado, através de todas as etapas etárias de sua existência. Desde criança que faz versos e até hoje não sentiu os efeitos do tempo que, na sua inclémência, não pôde ainda apagar esse entusiasmo flamejante que cintila na sua imaginação criadora. Eterno apaixonado do belo, consegue na magia do seu estro e nos arroubos de sua imaginação, amenizar com a ternura de seus versos, os dissabores da vida e fazer despontar ilusões ditosas no coração dos desafortunados.

Mariano vê o mundo através de um prisma otimista. Descontraído e bem humorado, está sempre disposto a ver-sejar que é uma constante psicológica de sua personalidade, e sem a qual a vida perderia todo o encanto, nem teria "mais amores nem mais flores".

Uma incursão em seu livro "FUMAÇA" revela que suas composições são de todos os gêneros, desde os sonetos alexandrinos, decassilábicos, acrósticos, baladas, rondós, vilancetes, glosas e trovas que lhe refletem um extraordinário talento e uma imperiosa predestinação poética. São versos deliciosos, esculpidos pelo cinzel mágico de uma doce e sublime inspiração.

Fala e escreve sua língua com pureza e correção. Está sempre em dia com a leitura de bons escritores, tanto do passado como do presente. Conhecendo bem o latim, embrenha-se na etimologia dos vocábulos, pesquisando as suas raízes, para conhecer com exatidão o significado deles. Discute com erudição complexos problemas linguísticos, mostrando que seus conhecimentos se apoiam em sólidas bases filológicas.

Apesar de já ter transposto o limiar da sua maturidade é um homem moderno, aceitando, sem desdém, as inovações da juventude.

Na leitura de suas composições poéticas, sente-se que seu estro é um canto, ora de realismo, cultuando a beleza das formas, ora de ficção, exaltando no encanto de seu lirismo os devaneios do amor e os arroubos dos corações apaixonados. Não se atém somente ao irreal e às fantasias do espírito, mas também a temas científicos que se tornam menos áridos e mais assimiláveis. E a propósito ouçamos a glosa de um mote sobre o mecanismo do parto que lhe foi dado por um colega, quando era ainda estudante:

**Por onde passa a cabeça
O resto do corpo passa**

**Por mais virtual que pareça
A luz daquele orifício
Que existe no frontispício
Por onde passa a cabeça
No momento que apareça
o períneo se adelgaça
Vezes mesmo se estilhaça
Mas, a cabeça passando
E externamente rodando
O resto do corpo passa.**

Uma aula de obstetrícia em que nunca, em versos, foi a dinâmica do parto tão bem descrita como nesta original glosa de Mariano.

De outra feita, ele traduz em versos a cena de Macbeth: em que Porter respondendo a Macduff, desilude aqueles que procuram no álcool virtudes afrodisíacas:

**SHAKSPEARE, o autor de Macbeth,
como de outras tragédias teatrais
sobre alcoolismo, certa vez, reflete
nas virtudes ou danos integrais:**

**Diurese, quase igual a do diabete;
nariz vermelho e sonos colossais
se a luxúria provoca, compromete
libação dos prazeres sexuais.**

Amor, vinho e mulher, eis as primícias
as facas de dois gumes, perigosas,
os fatores das mágoas ou delícias

Não direi que provém das nebulosas...
Mas, sem ferir melindres, pudicícias,
São, na vida, as três coisas mais gostosas...

Transportando-se ao anfiteatro de anatomia, Mariano rende um preito de admiração àquele que, depois da morte, não se transforma logo em pó, nem em flores que enfeitam e matizam as necrópoles, mas se transmuta em fonte de luz e sabedoria, a bem da ciência e da humanidade. Ouçamos nós seu filosófico soneto "CADÁVER", que mereceu menção honrosa no n. 6 da Revista "Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia" de 1970:

Anônimo cadáver formolado,
no necrotério sobre a lage fria
é um compêndio aberto, destinado
a estudantes novéis de anatomia.

Pela vida passou ele ignorado
sem fortuna, sem vez ter, algum dia?
Ou terá, insensato, dissipado
os bens todos que a vida propiciá?

Em qualquer das hipóteses, porém,
o holocausto que of'rece, já sem vida,
um sentido magnífico contém.

Se delinquente, a falta é redimida;
se justo e bom, pratica ainda, o Bem,
em proveito da Ciência agradecida.

Observe-se que mesmo fazendo versos não se desvincula da Medicina que sempre foi uma das suas grandes paixões.

A idade não conseguiu arrefecer-lhe a inspiração poética, ainda tão flamejante e viva, como nos dias do passado. Sua lira continua afinada e, em acordes harmoniosos, lhe permite ainda extravasar os delicados sentimentos de amor, de afeição e de bondade. Dentre muitos sonetos de sua lavra, escolhi "Risos e lágrimas" que revela quanto de ternura e piedade existe na alma do poeta:

Tão grande bem me faz essa alegria
que no teu riso claro e franco ostentas,
que já hoje não sei se poderia
a idéia suportar de que te ausentas.

É tua presença o pão de cada dia
que, através do teu riso, me apresentas;
mágoas não sinto em tua companhia,
porque, tão logo, todas afugentas.

Mas, se tu choras, sofro tanto, tanto
e esta dor de tal modo avulta, cresce;
faz-me tamanho mal esse teu pranto,

que te peço por tudo quanto adoras:
— não chores nunca, nunca, pois parece
que são minhas as lágrimas que choras.

Mariano é um mestre consumado na arte de fazer trovas e glosas, sendo neste gênero poético que ele mais revela a argúcia de sua inteligência e a profundez de sua verve humorística e satírica. Sabe compô-las com incrível facilidade, chegando mesmo a ser um trovador repentista, como foi o caso daquele galanteio sem malícia, inspirado pelas covinhas de uma mulher bonita:

Não fora crime ou pecado
Para me causar desgosto,
eu já teria beijado
as covinhas do teu rosto

Nas reuniões sociais, ele se torna um centro de atração, polarizando o empenho de todos para ouvi-lo conversar ou recitar versos, sem fim, que ele os guarda de cor, graças à sua prodigiosa memória.

No seu lirismo sutil e espirituoso, afirma Mariano ser o amor um sentimento tão forte que, estranhamente, é capaz de transformar o sofrimento físico numa sensação inédita de prazer.

Aqui tendes a glosa desse incrível e curioso mote:
O amor transforma em gozo a dor de um calo.
se o ente amado é quem nos pisa o pé.

e glosando:

Masoquismo, talvez... Mas é regalo
que somente quem ama há de dizer,
se algum dia sentiu este prazer:
— o amor transforma em gozo a dor de um calo

Mas é fato veraz, posso afirmá-lo,
mesmo em público e raso dando fé.
É bem mais suave do que um cafuné
a pisadela dada com intenção,
num calo que se diz de estimação,
— se o ente amado é quem nos pisa o pé.

E assim poderíamos apresentar uma infinidade de trovas e giosas que atestam o quanto é rico o poder de criatividade da sua inspiração poética.

Senhores Acadêmicos,

Meus senhores:

O Curriculum Vitae de Mariano Coelho mostra ser ele possuidor de muitos títulos por merecimento. É membro efetivo de muitos Grêmios Cívico — Literários e Sociedades Médicas, inclusive da Sociedade de Medicina e Cirurgia do RN. Tem sido participante de vários Cursos e Congressos Médicos neste e em outros Estados. Membro efetivo da “Sociedade Brasileira de Escritores Médicos” e do “Instituto Histórico e Geográfico do RN”. Sócio efetivo da “Academia de Trovas” e da Academia “A Diocésia”. Tem muitos trabalhos publicados — discursos, conferências sobre assuntos profissionais, cívicos, políticos e literários, ressaltando dentre esses, seu livro de versos “FUMAÇA” com mais de 400 páginas e a tese de doutoramento — “Das Intervenções Obstétricas na Ângústia Pélvica”.

Tem igualmente outros a publicar que são seu segundo livro de Versos, Memórias em prosa e Musa Bacana que é uma coletânea de várias centenas de trovas.

Conhecendo bem o francês, traduziu alguns gazéis de Hafiz em versos portugueses, rimados do texto francês do original árabe. Como se vê, nosso recipiendário é um homem de grande cultura, constando sua bagagem literária de muitos trabalhos esparsos e de um só livro de versos, de rara

beleza e de todos os géneros, intitulado "FUMAÇA". Alias, não é necessário ser polígrafo para cosagrar-se poeta ou escritor de renome. Anatole France já dizia que, para o poeta ou artista conquistar a celebridade, bastaria um bom verso ou uma obra de arte.

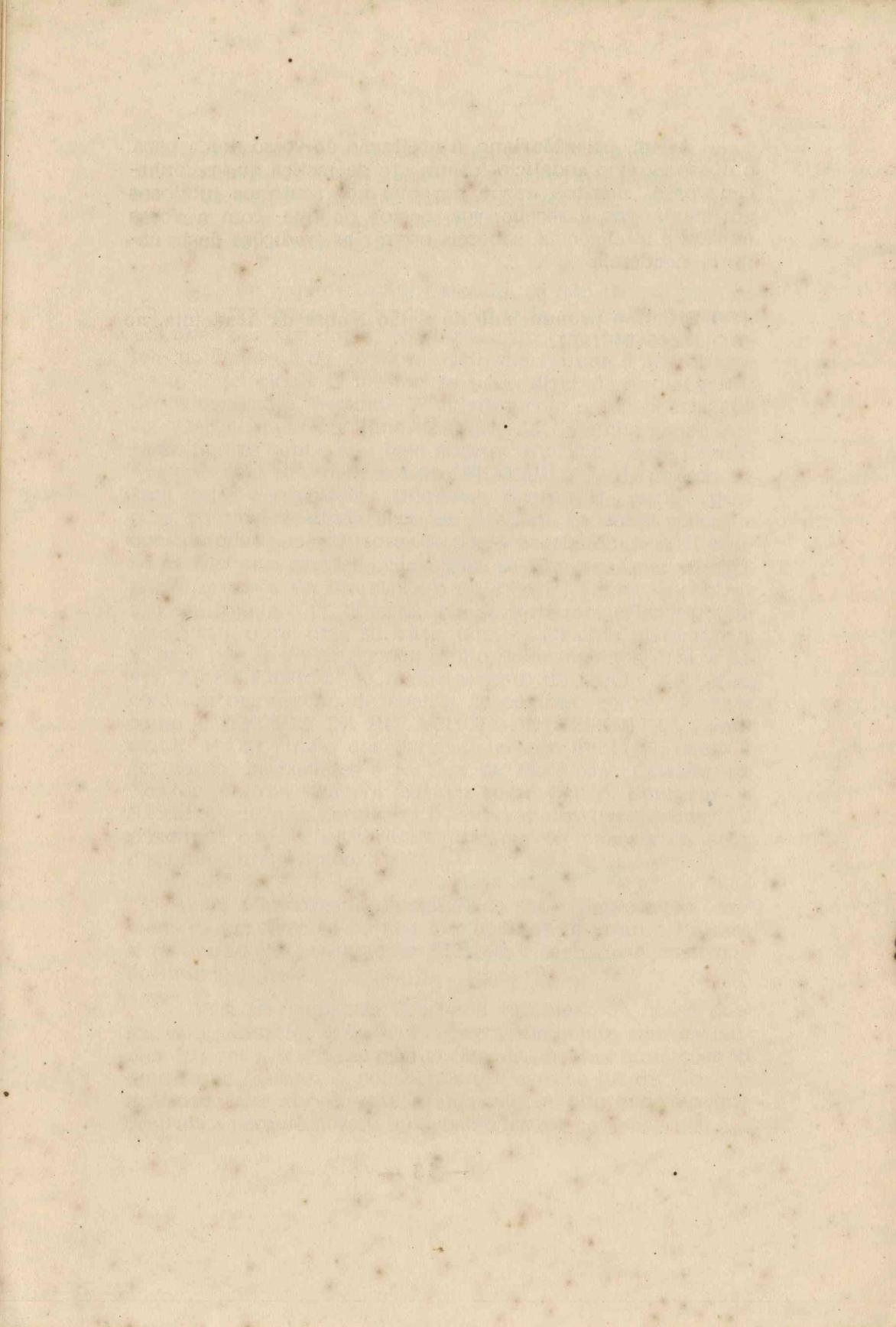
Assim é que Câmara Cascudo, se não tivesse publicado uma montanha de livros, já se teria immortalizado, como um dos nossos maiores, por ter escrito uma obra sem paralelo no género e de extraordinário mérito que é seu "Dicionário Folclórico". O mesmo se pode dizer dos nossos saudosos confrades, Segundo Wanderley com o seu poema épico "O Naufrágio do Vapor Bahia"; do desembargador Antônio Soares com o seu belo soneto "NOIVOS" e de Otoniel Menezes com sua linda canção "PRAIEIRA", e de muitos outros cujas composições literárias, através de tantas gerações, continuam, ainda vivas na memória de nossa gente, e consideradas jóias preciosas da nossa poesia indígena. E isso só para citar a prata de casa, pois, se fizermos uma peregrinação, através da literatura e da ciência, vamos encontrar um sem número de homens que se tornaram célebres, com uma única obra, uma só frase, uma só fórmula matemática. E para não nos alongarmos muito, mencionemos dentre estes, Albert Einstein", o maior cérebro do século XX" que, com um manuscrito de apenas 30 páginas, conhecido hoje como a "TEORIA DA RELATIVIDADE RESTRITA", conseguiu abalar aquilo que parecia eterno e imutável, como a geometria de Euclides e as Leis da Mecânica Celeste de Newton. Outros também existem como Cristo, Confúcio e Sócrates que não chegaram a escrever um livro sequer e passaram para a posteridade, através da palavra de seus discípulos e apóstolos.

Aliás, a história da humanidade está cheia desses homens de um livro só ou dos que nada escreveram e fizeram a revolução do pensamento filosófico, literário e científico do mundo.

Vós, Mariano, não fizestes a revolução da nossa poesia, não ganhastes a fama dos poetas de génio, nem os laureis dos vates imortais, mas dentro das nossas limitações, o pouco que fizestes, o pouco que escrevestes foi de tão boa qualidade que serviu para granjeardes o alto conceito que desfrutais perante nossos homens de letras.

Assim, pois, Mariano, a aceitação do vosso nome para o nosso egrégio sodalício foi um ato de justiça que reconheceu vossos méritos, razão por que nos sentimos jubilosos em saudar-vos e receber-vos, certos de que, com a vossa cultura e inteligência, sabereis honrar as tradições desta augusta Academia.

(*) Discurso pronunciado no Salão Nobre da Academia, no dia 05.04.1974.



ANTÔNIO SOARES DE ARAÚJO (*)

MARIANO COELHO

Exmo. Sr. Presidente,

**Magnífico Reitor LEIDE MORAIS, meu distinto colega
e amigo,**

**Exmo e Revdmo. Dom NIVALDO MONTE, Arcebispo
Metropolitano,**

Exmas. Autoridades componentes da Mesa,

Srs. Acadêmicos,

Exmas. Sras. e Srtas.,

Meus Srs.:

Remontar às origens é um ato legítimo e instintivo, fiel e espontâneo do pensamento. Mesmo sem deliberação propositiva, revelo incidentalmente as múltiplas e poderosas afinidades espirituais, consanguíneas e afetivas que me prendem de modo especial, a tradicional e gloriosa BAHIA, cujo solo ostentaria a culminância primeira avistada pelo navegante descobridor e, em ulterior oportunidade, me sugeriria a expressão:

**... muito justa, muito sábia
a Natureza seria,
dando, á terra da Bahia,
a forma de um coração!**

(*) DISCURSO de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras, em 05.04.1974.

Foi na conceituação elaborada há mais de quatro decênios por um ilustre Homem público baiano, — eminente político e esclarecido economista — que se inspiraram as palavras iniciais desta despretenciosa oração, com a qual me apresento á egrégia Academia Norte-Riograndense de Letras.

VITAL HENRIQUE BATISTA SOARES, em 1929, candidato a suceder no governo do estado da Bahia, ao preclaro concidadão FRANCISCO MARQUES DE GOIS CALMON, declarou: — “Constituiu sempre muito árdua tarefa, governar a Bahia. Tal investidura, porém, assume potencializada gravidade, para quem recebe o encargo de continuar a obra administrativa do Governador GOIS CALMON.”

Eu me permiti parodiar esta asserção do baiano ilustre, para declarar que, em quaisquer oportunidades, consideraria uma honra insigne, o privilégio de ser admitido como integrante deste augusto sodalício de intelectuais potiguares; mas, honra e privilégio potencializados, para quem se candidatou a preencher a vaga aberta pela contingência inelutável do falecimento material do preclaro e insubstituível Acadêmico, ANTONIO SOARES DE ARAÚJO.

Alguns dias após este deplorável e nunca suficientemente pranteado acontecimento, compelido fui, conforme declarei em cartas nota-prévia, dirigidas aos ilustres academicos, — sensatamente salientando que não lhes estava pedindo o esclarecido voto — a arrojada intenção de me apresentar, oportunamente, candidato á vaga fisicamente aberta.

Não haveria mister que estivesse eu presente á solenidade magna e fúnebre, na qual se pronunciaram, em eloquentes e impressionantes discursos, EDGAR BARBOSA, ANTONIO SOARES FILHO e DIOCLÉCIO DUARTE, para que me conscientizasse da extensão da minha inegável audácia. Era, entretanto, demasiado tardio o ensejo para anular sumariamente a determinação (adotada com sacrificio de razões de foro íntimo) obediente ao imperativo do convite generoso, partido de amigos fraternais, inspirados na valorização consentida e ampliada pelos prisinas de um colimador orientado pela benevolencia de uma estima, a qual me ufano de proclamar recíproca.

Devo confessar, sem falsa modéstia, as minhas inclinações (que melhor direi simpatias) pela literatura, desde os recuados tempos de colegial, ou mesmo antes da adolescência. Minha satisfatória faculdade de reminiscência traz-me frequentemente á memória episódios vividos há sessenta anos, no Colégio de Santa Luzia de Mossoró, onde foram meus contemporâneos VICENTE FERREIRA DE ALMEIDA, FRANCISCO DE ASSIS GURGEL, CARLOS GALVÃO FILGUEIRA, LAURO MONTE, entre os que sei ainda vivos; e números falecidos, como RAUL CALDAS (o “Sinfonia Inacabada” de CÂMARA CASCUDO) LAURO RODRIGUES DE GOIS, FRANCISCO SABOIA DE LACERDA, JOÃO EPITÁCIO FERNANDES PIMENTA, meu irmão MANUEL COELHO FILHO e inúmeros outros deploravelmente alcançados pela morte. Fazíamos literatura de cordel, em jornais manuscritos e outros avulsos, preferentemente humor e sátira.

Os deveres estudantis entravavam sempre essas atividades dilettantes, nos cursos secundário e superior, como as proibiram, terminantemente quase, durante os mais graves e alongados imperativos profissionais, no exercício da clínica e do magistério superior. Mesmo assim, cometeria eu, — pecador impenitente e confesso copiosas injúrias literárias, através do tempo e nomeadamente, fornecendo material para o “arquivo fechado” (bondosa e pacientemente coligido pelo meu ilustre colega Prof. CLEONE NORONHA, titular da FMUFRN) — repositório de algumas centenas de glosas em décimas e outras delituosas poesias que, segundo ouvi dizer, serão objeto de uma edição, também fechada e póstuma, em futuro que almejo bem distante ainda.

Por isso que nos congressos profissionais há lugar para as promoções sociais e quejandas, frequentemente me vali de tal repositório, nas deliciosas patuscadas complementares, inspiradas pelo humor sadío das aglomerações fraternais, até porque profissionais.

Quando me perguntavam porque eu não versejava com assiduidade, respondia pilkeriando que não podia formular uma poção, r mando subnitrate de bismuto, bensoato de sodio e julepo gomoso. E, como formulávamos em aqueles recuados tempos do primeiro quartel deste século!

Recordo um calembur que me foi narrado, há vários decênios, em Açu, pelo meu dileto amigo FRANCISCO AMORIM: — Um irreverente trocadilhista perguntava: — “Quando é que o médico deixa de ser burro?” — E, depois de aguçar a curiosidade do interpelado, ele próprio respondia: — “Quando for...mula.” Logo mais se multiplicaram as especialidades farmacêuticas, e os medicamentos magistrais desapareceram quase por completo.

Tempo houve, em que os médicos literatos, de certo modo, se desacreditavam como profissionais da medicina, notadamente os poetas. Na era atual, porém, existem sociedades de escritores médicos, em todo o mundo. Em nosso País, a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, á qual tenho a honra de pertencer, desde alguns anos, tem sua sede em São Paulo — SP. Possui Regionais no interior daquele grande estado e nas capitais de vários outros, como Minas Gerais, Paraná, Guanabara, Bahia e Pernambuco, além de sócios ainda não organizados em Regionais, em as diversas unidades da Federação.

Nossa Sociedade Brasileira de Escritores Médicos é congregada ás congeneres mundiais. Em outubro último, foi realizado o XVIIIº Congresso Mundial, em Varsóvia-Polónia, sob o tema “A Medicina e a Paz”, além dos temas livres. Recentemente, em fevereiro p. passado, o V.º Congresso Nacional, em Recife—PE, sob a direção da Regional do grande estado nordestino.

Versejar é mais do que uma simples inclinação, um pendor espiritual de certos indivíduos. Pejorativamente, dizem uma “tara”, — os utilitaristas da vida material.

“Ninguém bota panela no fogo, com literatura...” — ouvi de um muito querido amigo meu, cujo filho sempre foi um fervoroso cultor das boas letras.

Diletante, aficionado ou maníaco, disputava dos meus minguados lazeres, um pouco de tempo para a recreação repousante e salutar somato-psíquica, — lendo ou escrevendo. Versejando, não terei atingido, talvez, o grau de “poeta bissexto”, na classificação de MANUEL BANDEIRA, pelo apoucado das minhas produções.

Aposentado na cátedra em janeiro de 1966; nas demais atividades profissionais, em maio de 1969, —

pelo meado de 1970, graças á munificência de um amigo magnifico, tive publicado o meu primeiro livro de poesias diversas, o "Fumaça", com algumas centenas de páginas no texto. Profissional e funcionalmente valetudinário, dediquei o meu tempo integral destas sobras de existência, ao exercício pleno da literatura, conquanto não me exima de estar presente aos conclaves da Augusta Medicina, permanentemente itinerante nos seus proibidos e beneméritos anseios a prol da humanidade sofredora.

Foi numa dessas espontâneas e costumeiras presenças minhas ás lides profissionais que, indisfarçadamente, seria eu alvejado por inopinada, injusta e descortês invectiva, — partida de um jovem e farnado professor, quando proferia considerações sobre vocação profissional...

A certa altura da sua dissertação, sentenciou: — "Indivíduos com vocação de poetas, que se fazem médicos..."

Por mim próprio, teria desprezado a "deixa" extemporânea e leviana; mas, observei que os olhares do auditório — constituído em notável maioria por estudantes, — para mim se dirigiram. Ergui a "luva" do inopinado desafio e, oportunamente, solicitando a palavra, demonstrei, com serena humildade, não terem as musas diletântes, em tempo algum, interceptado o cumprimento dos meus deveres profissionais, a prontidão permanente votada ao exercício de uma medicina total, mais ampla e mais árdua, contingenciada pelos imperativos mesológicos, sem o confinamento comodista do **especialismo** mais suave que restringe a capacidade mental, aos escassos centímetros da visão proximal, abdicando, por assim dizer, ao panorama extenso da visão acomodada para o infinito.

Abrindo um parêntese, devo declarar, em público e raso, que não sou refractário ás especializações na Medicina. Sempre as respeitei e para elas apelei no meu longo tirocínio na clínica geral, muito modesto, mas, religiosamente conscientíssimo da grandeza desta profissão, que, exercida por JESUS, curou leprosos e cegos de nascença e, ainda, reergueu mortos do túmulo.

Malsinar, denegrir, vilipendiar a vocação poética de qualquer profissional, — médico, magistrado, advogado, engenheiro, economista, professor em qualquer grau do ensino, industrial, comerciante, ou portador de quaisquer ou-

tras atividades honestas na vida pública e social — deve ser considerado atraso mental insanável, deficiência confessada para as aquisições avançadas que, maravilhosamente, se afirmam para as caminhadas pioneiras do século próximo, em o qual, a humanidade evidenciará o **bem melhor** da evolução tecnológica, cientificamente planejada.

Não se escandalizem as Exmas. Sras. e os meus muito respeitados Srs., que estas idéias expendidas sejam, pelo portador de uma existência de três quartos do século XX, com o acréscimo do derradeiro ano do século XIX, — ciente e consciente do andamento desta transa surpreendente que prepara e conduz a glorificação da espécie humana.

Prosa e Poesia, em todos os tempos, — contemporâneas das saias-balão ou das mini-saias; das anquinhas ou dos biquines, — encontraram sempre as suas presenças magníficas.

A escolha de uma profissão vocacional não incapacita sumariamente o indivíduo para atividades outras, simultâneas, — confluentes ou divergentes. A habilidade multimoda deve ser considerada como manifestação do talento e das aptidões. Entretanto, vigorou e permanece, até certo ponto nos dias atuais, o injustificável preconceito que se propõe interditar o exercício da literatura e das artes em geral, a determinados profissionais, notadamente aos médicos.

O Dr. RAIMUNDO ALMEIDA GOUVEIA, membro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, (Regional da Bahia) no ensejo do IVº Congresso realizado em fevereiro de 1972, Salvador—BA, — entre os notáveis trabalhos que apresentou ao colendo certame — focalizou a personalidade brilhantíssima de um professor nosso contemporâneo, Dr. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO, sob o título, "PETHION DE VILAR, Médico e Poeta, Mestre do Passado". Neste primoroso esboço biográfico, o ilustre colega baiano acentuou textualmente: — "... em um tempo que não recomendava ao médico ser poeta, escreveu sob o pseudônimo Pethion de Vilar, muitos sonetos e poemas, odes, epigramas..."

Seu filho, EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO JÚNIOR, foi meu colega de turma em 1924. Era, também, poeta notável e adotou o pseudônimo literário NUNO DE VILAR. Aprecia-me declamar um lindo soneto parnasiano de sua autoria, memorizado por mim há mais de meio século:

**“Guardo com medo um mimo de alto custo,
ponto final da perfeição chinêsa.
É todo em louça, é um pequenino busto
de alguma antiga oriental princêsa.**

**Tremo ao tocá-lo e o meu receio é justo.
Tanta fragilidade... — com franqueza,
preferira passar por qualquer susto
que ter em minhas mãos tal singeleza.**

**É uma casquinha de ovo... Quem se atreve?!
Até faz medo olhar coisa tão leve...
O próprio olhar parece que a profana.**

**Eu sei de coisa ainda mais franzina:
— Há corações que são louça mais fina,
do que a mais fina e frágil porcelana...”**

Outro colega de turma, inspirado poeta, foi o alagoano penedense, TEÓFILO BATINGA. Duplamente colega, porque, também, telegrafista. Diplomado, desde algum tempo, cirurgião-dentista, pela USP, matriculou-se no curso médico da Faculdade da Bahia, em 1919. Concluindo em 1924, não abandonou logo as atividades burocráticas, porque era funcionário de elevada categoria. Dentro de algum tempo, porém, incorporou-se ao Serviço Nacional Contra a Lepra, sendo lotado no Espírito Santo.

Dotado de bondade imensa, desenvolveu apostolar atuação, a prol dos lansenianos, segregados, naquele tempo, em colônias hospitalares, sem medicação eficaz que os recuperasse. Viajava frequentemente á, então, vizinha capital da República, a Velhacap, onde coletava, entre as pessoas das suas relações de amizade, toda a sorte de objetos usados, — vestuário, calçados, roupa de cama, etc., — para distribuir aos infelizes asilados. Certa vez, ao regressar de uma dessas romarias, encontrou o Hospital-Colônia em pé-de-guerra. Dezenas de enfermos em revolta, munidos de os mais diversos instrumentos vulnerantes ou contundentes, ameaçavam deflagrar um ataque aos médicos e demais funcionários do estabelecimento. — O Dr. BATINGA, inerte e sozinho, os enfrentou e desarmou a todos, restabelecendo a paz e a ordem, utilizando unicamente a energia moral da sua palavra e da sua presença, magnetizando, por assim dizer, a herda miseranda que, coletivamente, sobrepôs á intensa fúria, a cordura suscitada pelo prestígio do seu devotado bemfeitor.

São deste abnegado médico sanitarista e mavioso poeta, — meu saudoso colega e amigo, TEÓFILO BATINGA — estes tercetos que vou declamar, memorizados, também, há mais de meio século, de um seu antológico soneto, sob a epigrafe, “Cabelos Brancos”: —

**“Cabelos brancos, dobres a finaço,
tangidos nas ermidas do passado,
peias mãos lancinantes da saudade.
Ilusões mortas, cinza fria, neve...
Tinta de prata com que o Tempo escreve
o epitáfio da nossa mocidade!”**

Malgrado a interdicção pretendida, ainda hoje, — especialmente aos profissionais da medicina — numerosos médicos enriqueceram a literatura, aqui e alhures. Entre nós, impõe-se a ufanosa menção ao nome do Dr. MANUEL SEGUNDO WANDELEY, expressão gloriosa da poesia potiguar. E, para não alongar as citações, mais dois nomes apenas: — JÚLIO DANTAS, o primoroso poeta e polígrafo lusitano que, pessoalmente conheci em Salvador—BA, 1923, presidente da Real Academia de Ciências de Lisboa-Portugal; ALOYSIO DE CASTRO, — “médico, poeta, poliglota, crítico de arte dos mais argutos e judiciosos, humanista profundo” ... — na expressão do Prof. CARLOS DA SILVA LACAZ, in “Vultos da Medicina Brasileira”. Catedrático de Clínica Médica. Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Presidente da Academia Brasileira de Letras...

Sem a veleidade de pretender me incluir no vasto e glorioso elenco dos médicos poetas, apraz-me consignar que descubro uma afinidade legítima de pendores, entre o sacerdócio da Medicina e a sensibilidade dos eleitos das Musas.

CADEIRA N.º 7

Sete é um numeral cardinal, designativo de quantidade absoluta. Sob este aspecto é um simples figurante na escala numérica. É ímpar e primo, — qualidades matemáticas que lhe emprestariam uma feição de egoísmo solitarístico, conquanto partilhada por algarismos outros de condições idênticas. Se repetido uma vez para organizar dezena, lembra a calamidade climatérica de 1877, no último quartel do século XIX. Reconheçamos, porém, mais trágica, a dupla repetição do seu antecessor na escala, — o número 6, par e múltiplo de 2 e 3, — por seu anátema apocalíptico, 666!

Atribui-se ao 7, sugerir a conta-do-mentiroso. Figura na locução pintar o sete, de origem provavelmente folclórica; em outra idêntica, talvez, — guardar a sete chaves ou a sete capas, vulgarmente repetidas ambas. Participa na formação de numerosos substantivos compostos, como o do Gigante das botas de sete léguas...

Em compensação, corresponde, universalmente, ao número de dias de uma semana e aos outros tantos sete dias da Criação do Mundo, segundo a cosmogonia mosaica.

A Cadeira n. 7, em a nossa Academia, tem como Patrono, FERREIRA NOBRE.

MANUEL FERREIRA NOBRE JÚNIOR, o primeiro historiador do Rio Grande do Norte.

Meu muito prezado amigo, Desembargador MÁRIO MOACYR PORTO, há muitos anos passados, quando exercia o cargo de promotor-público na comarca de Currais — Novos, com a eficiência e o brilho com que se houve em todas as funções que desempenharia na sua relevante vida pública — referiu-me uma frase rebarbativa e bombástica, proferida por um seu contemporâneo, estudante de Direito, no Recife. Acredito que memorizei textualmente a frase em apreço, repetida pelo causeur magnífico, naquela época distante. O trêfego estudante, seu colega, teria dito: — “Prefiro os que nada fazem, aos que fazem pouco. A estagnação é o apanágio dos indiferentes; ao passo que as pequenas iniciativas são a essência mesma dos incapazes.”

Felizmente para nós, que não rezava por essa cartilha, o valoroso ante-passado FERREIRA NOBRE, provavelmente nascido em 1824, falecido em 1897, aos 73 anos de idade. No prólogo do seu livro, “Breve Notícia Sobre a Província do Rio Grande Norte”, editado em 1877 pela tipografia do “Espírito-Santense”, de Vitória—ES, declarou modestamente: — “Não escrevo a história preciosa e interessante do Rio Grande do Norte...” — acrescentando no final da sua razoável advertência: — “Nada faço, eu sei, porém faço mais do que aqueles que, podendo fazer muito, jazem na inércia.” — Sua cartilha era diferente...

Este nosso comprovinciano que exerceu as funções de Oficial-Maior da Secretaria da Assembléa, “por mais de dois anos”, não foi uma personalidade obscura, como se in-

culcava por humildade. Sobre ter ocupado “vários cargos na administração da Província, foi eleito deputado á Assembléia Legislativa, para o biénio de 1860—1861.” — Destemido patriota, embarcou como voluntário para combater na guerra contra o Paraguai, regressando em 1866, porque julgado incapaz para o serviço militar, pela Junta de Saúde que o dispensou.

Embora sem função judicante de alçada, no momento em que ocuparia a Cadeira da qual FERREIRA NOBRE é o patrono, — o emérito magistrado ANTONIO SOARES DE ARAÚJO traçou-lhe o perfil de “homem superior”, evidenciando, entre as suas nobres qualidades: — “modéstia, apego ao trabalho, pronta iniciativa, destemor pelas dificuldades e, sobretudo, um entranhado amor á terra natal.” — Não há negar, enfim, que deficiências quaisquer que apontadas sejam no seu livro, “nem ofuscam o mérito da prioridade que é o mais brilhante galardão do seu modesto autor.”

O patrono da Cadeira n. 7 não incidiria no conto, ou na conta, do mentiroso, da tradição de origens perdidas. E, é M. RODRIGUES DE MELO quem conceitua no Prefácio á 2.^a edição do livro consagrado pela primazia: — “O que causa admiração em FERREIRA NOBRE são certas afirmações que ele faz, sem citar as fontes, afirmações até hoje nem explicadas nem desmentidas...” — Isto, depois de enumerar consagrados pesquisadores como “TAVARES DE LIRA, ROCHA POMBO, LUIS DA CÂMARA CASCUDO, ANTONIO SOARES, NESTOR LIMA, JOSÉ AUGUSTO, LUIS FERNANDES, VICENTE LEMOS, — todos os historiadores do Estados...” — os quais nele se louvaram — “para explicar aspectos da nossa nebulosa e mal estudada história provinciana”, — concluiu M. RODRIGUES DE MELO.

Esta Cadeira n. 7, sobre o respeito que me infundiria como integrante deste colendo cenáculo literário, impõe-me o culto de veneração ao Patrono celebrado pela História, falecido dois anos antes do meu nascimento. Mais ainda, Cadeira brilhantemente ocupada, em primazia, pelo meu excelso conterrâneo assuense, com o qual conviveria — para fortuna minha — durante dilatados anos de estima recíproca, inspirando-me, este concidadão precalaro, admiração profundíssima pela sua envergadura moral pioneira, pela sua cultura espiritual e humana, pelos seus magistrais conselhos e, sobretudo, pela sua bondade santificante.

Magistraes conselhos... — Apraz-me repetir e documentar: — Entre as diletas amizades que conquistei e usufruí nesta longa existência, destaco a de ANTONIO SOARES DE ARAÚJO (vinte anos mais idoso do que eu) e a de PEDRO SOARES DE ARAÚJO AMORIM, seu primo e fraternal amigo, dois anos apenas mais moço do que ele, — meu talentoso colega, diplomado pela mesma Faculdade de Medicina da Bahia, em 1903, vinte e um anos antes de mim. Recordo, com saudade comovida as nossas longas e repetidas palestras, especialmente nos veraneios na praia da Ridinha. Foi lá, nesse recanto aprazível de uma das muitas e maravilhosas praias natalenses, que eu receberia o mencionado conselho do veraz amigo ANTONIO SOARES. — Destoando do meu, mercê de DEUS! Habitual bom-humor, eu estava triste porque uma das minhas quatro irmãs deliberara ingressar num convento franciscano. A confiança plena, inspirada pela cativante bondade daqueles dois íntimos amigos, me fizera declarar o motivo da minha tristeza. Revelei-lhes tal conteúdo recôndito, confessando que não podia compreender as razões por que a noviça abdicara do convívio da família afetuosos. A esta altura, o respeitável interlocutor mais idoso, ponderou: — “Não se afasta igualmente da família, quem se casa, de acordo com o preceito evangélico, **abandonarás pai e mãe?**” — Retruquei que não seria um afastamento tão completo. — Revestindo-se da sua autoridade indiscutível e, pacificamente, por mim reconhecida, sentenciou: — “Mariano, você está enganado. O casamento é um problema; e o convento é uma solução”. — Não me restava qualquer alternativa, senão, convencido, receber o sábio e profundo parecer e, por ele orientado, elaborar a minha conformação.

Sem as torturantes preocupações minhas daquele dia, as nossas palestras constituíam para mim, uma recreação útil e agradabilíssima. Esses dois afetuosos amigos se revezavam como exímios causeurs. Recordo-me de duas anedotas narradas pelo Desembargador SOARES, as quais, frequentemente, me vêm á tona da memória. A primeira, o episódio de um recruta que, era auxiliar de um médico veterinário militar. O profissional mandara que o seu ajudante, por meio de um canudo, applicasse um tóxico pulverizado, nas narinas de um cavallo. — Inopinadamente, foi o veterinário atraído pelo barreiro do recruta que, esfregando os olhos, explicou: — “O cavallo soprou primeiro!”

A outra anedota teria ocorrido numa escola, na qual o professor discorria sobre a Gênese, de acordo com o 1.º livro do Pentateuco, quando foi interrompido por um aluno que obtemperou: — “Professor, meu avô me disse que nós descendemos do macaco.” — Redarguiu o mestre, serenamente: — “É, meu jovem. Nessas questões de família, eu não me meto...”

AG lado da sua irrepreensível compostura, o Desembargador ANTONIO SOARES ostentava invulgar jovialidade de espírito. Fato muito conhecido em o nosso meio, ocorreu no Superior Tribunal de Justiça do Estado, ao tempo em que o assuense ilustre ocupava a presidência: — Uma senhora anormal entrou intempestivamente no recinto, alegando que perdera uma questão na primeira instância. Vinha apelar para a instância superior, embora soubesse que, novamente, perderia, “porque — dizia — a Justiça dá razão somente aos ricos.” — Com absoluta calma, identificando o grau de sanidade mental exibido pela postulante, ponderou o magistrado: — “Minha Senhora, diga ao menos data venia”...

A tolerancia, sobre ser um preceito da boa educação, é, necessariamente, apanágio dos grandes espíritos. A objurgatória, de mente insana procedente, era dirimida liminarmente pela irresponsabilidade flagrante da origem. Nem de leve poderia molestar a dignidade daquele *Senáculo*.

A lacônica expressão latina, cuja significação não fora apreendida, confundiu e acalmou a desvairada agressora inconsequente.

O Desembargador ANTONIO SOARES DE ARAÚJO, — por sua cultura jurídica aprimorada; por seu talento, confirmado em todas as etapas da sua longa e benemérita vida; pela sensibilidade e pelo calor humano revelados, indefectivamente, em todos os lances memoráveis das responsabilidades morais e funcionais que assumiu e desempenhou com brilho e exação; pela afabilidade permanente e espontânea com que enfrentava e vencias as arrogâncias e as hostilidades; pela sua ilibada conduta na Família e na Sociedade; pela Fé inabalável da sua crença sinceríssima; pelo altruísmo que revelava em socorro aos que precisavam de apoio; — por tudo isto, enfim — credenciou-se um padrão de dignidade e honradez imperecível.

Nasceu, em 21 de julho de 1879, na tradicional cidade do AÇU, onde viveu até quando, aos 7 anos de idade, na companhia dos seus dignos pais. — Coronel PEDRO SOARES DE ARAÚJO e D. ANA SENHORINHA SOARES, transferiu-se para Natal, onde fez o curso secundário no Ate-neu Norte-Riograndense. Iniciou sua vida pública como funcionário estadual, solicitando sua demissão algum tempo depois, a fim de ir cursar a Faculdade de Direito do Recife, na qual se diplomou em 1902. Foi promotor público da comarca de São José de Mipibu, de 1903 a 1906, quando nomeado juiz de direito de Apodi, sendo transferido no ano seguinte para a comarca de Martins, na qual permaneceu até 1909. Ao assumir a sua primeira comarca, como juizante, já havia se consorciado, em 30 de janeiro de 1907, com D. MARIA AMÉLIA DE LEMOS SOARES DE ARAÚJO, sua eleita do coração, inspiradora dos seus versos primorosos e extremosa companheira na alongada existência.

Em a segunda comarca, além da judicatura, exerceu a função de Chefe Político, cargo, então, compatível com as atribuições da magistratura. Sua ilibada conduta de homem público credenciou o jovem magistrado, pelas suas invulgares qualidades morais e cívicas, numa posição magnífica, no conceito e na admiração dos seus jurisdicionados. Serviu á renomada cidade serrana, influnido decisivamente no desenvolvimento social e econômico do município, o qual lhe deu irrefragáveis provas de gratidão e respeito, até longo tempo após o seu afastamento em 1909, para ser investido no cargo de Chefe de Polícia, em o governo do Dr. ALBERTO MARANHÃO.

Criada a 2.^a vara de juizado de direito na capital, foi ele o seu primeiro ocupante, até a transferência que solicitou e obteve para a 1.^a vara, na qual permaneceu até 1926, quando nomeado desembargador do Tribunal de Justiça, durante o governo do Dr. JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MEDEIROS.

Ao longo dos sessenta e quatro anos que, ininterruptamente, residiu nesta Cidade dos Reis Magos, — na maturidade e na senectude — constituiu-se um exemplo de honradez e operosidade nos setores diversos da vida pública e na comunidade social. Aposentado no cargo de desembargador e presidente da nossa mais alta corte de Justiça, ao completar a idade compulsória, em 1949, durante o governo do Dr. JOSÉ AUGUSTO VARELA, foi alvo das mais eloquentes e inequívoco-

cas provas de consideração e respeito, emanadas dos seus colegas na magistratura e na advocacia e dos seus concidadãos em geral.

O Desembargador ANTONIO SOARES desenvolveu atividades marcantes nos diversos setores da comunidade, integrando e muitas vezes presidindo várias associações culturais, agremiações religiosas, notadamente a Conferência de São Vicente de Paulo. Pertencia ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e era sócio correspondente dos congêneres do Pará e do Espírito Santo. Foi presidente da comissão organizadora da Faculdade de Direito, hoje integrante da UFRN.

A austeridade integral e permanente do judicante, não se imiscuia nos lazeres irrecusáveis do sonhador poeta quando se entregava aos devaneios legítimos da inspiração. Seus magistraes sonetos, — decassilábicos e alexandrinos — a verificação habilidosa das lendas, o registo sentimental das gratas efemérides do seu modelar conúbio com a devotada companheira da felicidade, na existência alongada, como os demais fastos da família harmoniosa, — flagrados foram pelas impressões do eleito das Musas, na integração de uma vida bem vivida.

Do aludido registo sentimental, destaco neste momento, o soneto elaborado pelo Poeta de “NOIVOS”, aos 88 anos de idade:

“BODAS DE DIAMANTE

Mais dez anos: sessenta, de casados,
Novo poemeto ter:os de compor,
Gratos por novos dotes alcançados
Da clemência de DEUS NOSSO SENHOR.

Vimos possível um tranquilo amor.
Sobreposto á paixão dos namorados,
Dês que, esposos, se lembrem com fervor,
De que foram no altar, abençoados.

E a Benção valerá por toda a vida,
Se a promessa formal dos contraentes
Não for por qualquer deles esquecida...

**Muito embora a saudade dos ausentes,
Confiantes em DEUS, Família unida,
Felizes os casais e os descendentes."**

Permiti-me saudar, alguns dias depois, ao venerando casal, com este outro soneto de minha autoria, inspirado no 3.º verso do 2.º terceto,

"Felizes, os casais e os descendentes."

MODELO DE BONDADÉ

"Felizes, os casais e os descendentes"...
Harmonia exemplar, edificante.
Ótimos frutos vindos das sementes
fecundas, de um conúbio tão distante.

Distante, só no tempo; pois presentes
são o acendrado amor e a fé constante,
infundindo os exemplos permanentes,
desde o noivado ás Bodas de Diamante.

Os "noivos separados pelos mares",
as provações venceram, da saudade.
E, inspirados na glória dos Altares,

realizaram no amor, a santidade
da vida conjugal que os novos lares
repetem do Modelo de Bondade.

Natal — 1967.

Pelo ensejo do transcurso das Bodas de brilhante — 65.º aniversário de casamento — em 30 de janeiro de 1972, ao permanentemente enamorado casal, enviei de Currais Novos, onde me encontrava naquele dia, a trova seguinte:

BODAS DE BRILHANTE

Desde o passado distante,
— sob as bênçoes do SENHOR —
ornamenta este brilhante,
os Garimpeiros do Amor.

Foi ANTONIO SOARES DE ARAÚJO, — juiz integérrimo e criatura humaníssima, no exercício, de uma nobre função, como nas libações dos legítimos, honestos e exatos atributos, consentidos e inalienáveis ao ser criado á semelhança de DEUS

DEUS, o Supremo, o Intangível, — o inimitável Arquitecto do Universo, foi e é, também, Poeta, — na magnificência encantadora da Natureza. E Sábio Juiz, na harmonia maravilhosa da gravitação.

Recentemente, em 19 de março p. passado, compus uma glosa ao mote extraído dos 1.º e 2.º versos do 2.º terceto do soneto “DEUS”, do magnífico autor de “Lira de Poti”

Mote:

**“Se o homem meditar com sincera vontade,
compreenderá que a Fé é o seu melhor amparo”...**

(ANTONIO SOARES — “Lira de cPti” — 2.ª ed., pág. 41 — Impr. Universitária)

Glosa:

A Razão nos conduz a crer na Divindade...

**DEUS, ALLAH ou TUPĀ, — Qualquer nome que O
[invoque] —**

**a crença no-LO impõe, — é qual pedra de toque,
se o homem meditar com sincera vontade.**

**Um fato singular, porém, esta verdade
perenemente encerra em sentido preclaro
que também se diria excepcional ou raro:
— se o sensorio traduz estímulos de fora
e, no imo do ser, a crença se elabora,
compreenderá que a Fé é o seu melhor amparo!**

Sr. Presidente, Srs. Acadêmicos, Exmas. Sras. e Meus Srs:

Entre as funções que atribuídas me foram nesta existência, tive eu a glória de ser professor. Ensinando, aprendi pela observação que a experiência nos propina: — as aulas como os discursos e os discursos como as aulas não devem exceder os limites tolerados pela capacidade de atenção dos auditórios.

Perdoai-me, se os excedi; mas, sobretudo, acreditai na intenção que muito boa assevero, de não ultrapassar limites que tais, lógicos, respeitáveis, — desta preclara tolerância vossa a qual, sobre muito me penhorar, manda que vos confesse o meu profundo reconhecimento.

Pleiteio, ainda, — Exmas. Sras. e Meus Srs. — da tolerância vossa, escutar a declamação de um modesto soneto, elaborado hoje, neste 5 de abril de 1974, — data natalícia do saudoso confrade VIRGÍLIO TRINDADE, segundo a referência que me fez, há alguns momentos, o distinto casal amigo, FRANCISCO PORTO DOS SANTOS e D. YEDDA TRINDADE PORTO DOS SANTOS. Declamando-o, estando uma sincera homenagem ao notável acadêmico falecido, além do objetivo de traduzir com profunda emoção, o meu reconhecimento pela vossa presença generosa, neste comparecimento que me glorifica, ao ingressar no Senáculo egrégio da literatura potiguar.

OTIMISMO

Não vale cultivar a nostalgia
dos dias da longínqua mocidade
Ser feliz é manter esta alegria
do coração tranquilo, em toda idade.

Se “os dias na esperança de um só dia”,
viveu JACÓ, em árdua atividade
e, em lugar de RAQUEL, recebeu LIA,
— não se rendeu às lábias da maldade.

Prosseguir, — eis a rota pioneira
que, apesar dos percalços a vencer,
nos cumpre palmilhar a vida inteira.

Provém do cumprimento do dever
a paz interior, alvissareira,
que promove a alegria de viver.

Natal, 5 de Abril de 1974.

MARIANO COELHO.

Na Academia Norte-Riograndense de Letras, precariamente substituindo ANTONIO SOARES DE ARAÚJO, aqui, se apresenta, com desvanecimento e humildade, um novo componente deste sodalício magnífico.

